

## ACESSO, USOS E COMPETÊNCIAS. RESULTADOS NACIONAIS DO INQUÉRITO EU KIDS ONLINE

**Cristina Ponte**

Nas ruas, as crianças estão hoje mais invisíveis. As suas movimentações com autonomia (trem sozinhas para a escola, brincarem com amigos nas praças e jardins) são difíceis de discernir nas zonas urbanas onde vive a maioria. Por outro lado, é cada vez mais visível o espaço que ocupam produtos para crianças nas grandes superfícies comerciais, de brinquedos electrónicos a alimentos e a roupa de marca diferenciada por género e por idades. As crianças pesam nos orçamentos das famílias, nas despesas de educação e de ocupação dos seus tempos livres, numa relação inversa com o seu número decrescente, que faz do viver a infância uma experiência cada vez mais no singular. Desde há quase uma década que estão na linha da frente no uso dos meios digitais entre as famílias portuguesas, e são as que dispõem hoje de mais computadores portáteis pessoais, a nível europeu, como revelam os resultados do inquérito *EU Kids Online*.

Nas condições de ser criança em Portugal, a par dos notáveis progressos na saúde materno-infantil que colocam o país na liderança mundial, persistem marcas de pós-modernidade, como a elevada pobreza infantil que coloca os menores de 17 anos como o grupo de maior risco. Num país de contrastes, as condições de infância das crianças de hoje são muito diferentes das vividas pelos seus pais e avós, marcadas que foram aquelas por uma baixa escolaridade (mais de 60% dos pais não ultrapassa a escolaridade obrigatória de nove anos<sup>1</sup>) e por escassez de objectos de lazer que transformava desperdícios e recursos naturais em brinquedos (*faziamos bolas com de trapos, ou fazia comida para a boneca, com ervilhas, recordam pais e avós de hoje*<sup>2</sup>). Essas memórias estimulam o desejo de proporcionar a filhos e netos aquilo que não tiveram, tanto a nível de entretenimento como no investimento em meios e actividades que possam facilitar o sucesso educativo.

<sup>1</sup> Valores recolhidos no âmbito de: Rebelo, José, Coord. (2008). *Estado de Recuperação das Meios de Comunicação Social*. Lisboa, ERC.

<sup>2</sup> Testemunhos recolhidos no âmbito do Projecto "Inclusão e Participação Digital", do Programa UTAustin|Portugal, coordenado por Cristina Ponte (FCSH, UNL), José Azevedo (Universidade do Porto) e Joseph Straubhaar (Universidade do Texas, Estados Unidos). Ver [http://digital\\_inclusion.up.pt](http://digital_inclusion.up.pt).

Num país que só assegurou a escolaridade universal de quatro anos nos fins da década de 1950 e onde apenas 3% dos seus jovens chegava ao ensino superior no início da década de 1970, o insucesso e o abandono escolar foram uma marca geracional que perpetuou diferenças sociais. Nos últimos anos, programas de combate ao insucesso e ao abandono escolar precoce andaram a par da introdução da aprendizagem da língua inglesa, do apertechamento tecnológico de escolas e de programas de incentivo à aquisição de computadores portáteis e de ligação à internet. O país modernizou-se na sua frente educativa, tentando colmatar brechas educacionais que nos distinguiam negativamente no panorama europeu. As preocupações com o sucesso escolar dos filhos estão hoje na linha da frente, identificadas por mais de 90% dos pais portugueses neste inquérito europeu.

As preocupações não são indiferentes ao *ar dos tempos* e às notícias que dão visibilidade a uns temas e ofuscam outros. Em 2008, as principais preocupações parentais (acima dos 80%) iam para a insegurança nas ruas, a possibilidade de a criança poder ser vítima de crime e/ou aceder a drogas<sup>3</sup>. Em 2011, resultados nacionais do inquérito *EU Kids Online* apontam que ao receio de desastres na rua se juntam o de que a criança seja maltratada por outras crianças – numa popularização do *bullying* até recentemente fora da atenção (ambos na casa dos 75%), enquanto as preocupações com crimes e com o acesso a drogas descem para menos de metade. Firmes continuam as preocupações com conteúdos inadequados dos meios de comunicação social, na televisão ou na internet, e com contactos indesejados na rede, na casa dos 60%.

Os computadores e a internet são assim objetos ambivalentes: por um lado, são valorizados pelo seu potencial educativo; por outro, são recedidos pelos contactos indesejados com desconhecidos, conteúdos perniciosos e ameaças causadas por pares que podem propiciar.

Entre estes paradoxos e diferenças geracionais, o que marca os ambientes *online* de crianças e jovens portugueses, onde e quando acedem à internet, o que fazem com ela e como avaliam as suas competências? Em que diferem dos resultados europeus? É o que iremos ver nas próximas páginas<sup>4</sup>, juntando também aos números as vozes de pais e de jovens recolhidas em investigações no país, nos últimos anos<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> ERC, *op. cit.*

<sup>4</sup> Para o Relatório Final deste inquérito europeu ver Livingstone, Sonia, Leslie Haddon e Anke Gorzig (2011). *Risks and safety on the internet. The perspective of European children. Full findings and policy implications from the EU Kids Online survey of 9-16 year olds and their parents in 25 countries*. London, ISE. Disponível em [www.eukidsonline.net](http://www.eukidsonline.net).

<sup>5</sup> Faremos entrar testemunhos de pais e de crianças e jovens recolhidos no âmbito de seminários de mestrado e de doutoramento na FCSH. Um obrigada a Sónia Lamy, Ana Cristina Gomes, Ana Margarida Nunes, João Nunes, Conceição Amaral e Joana Tadeu pelas entrevistas realizadas, que proporcionaram os excertos trazidos para este capítulo.

### Crianças entrevistadas e seus contextos familiares

As 1000 crianças inquiridas em Portugal, 500 de cada sexo, distribuem-se por 11 a 13% em cada idade entre os nove e os 16 anos.

As diferenças entre agregados fazem-se notar na caracterização socioeconómica das famílias, que teve como base o nível de instrução e a ocupação do principal provedor financeiro do lar<sup>6</sup>. Em Portugal, a menor escolaridade dos pais terá contribuído para que mais de metade (53%) dos agregados tivesse sido caracterizado como de estatuto socioeconómico (ESE) baixo, um valor só ultrapassado pela Turquia entre os 25 países participantes, para uma média europeia de 19%. Cerca de um terço dos agregados nacionais apresentam-se como de ESE médio, também abaixo da média europeia (42%) e apenas 15% apresentam um ESE elevado (média europeia: 34%). Esta distribuição socioeconómica é semelhante a Espanha.

A estimativa do Eurostat para a percentagem de crianças e jovens utilizadores da internet no nosso país situa-se nos 78%, apontando-se assim para os 22% de não utilizadores. Embora estejam a tornar-se visíveis as famílias imigrantes e de minorias étnicas com crianças, sobretudo na região da Grande Lisboa, apenas cinco dos 1000 agregados não declararam como língua materna o Português. Isto significa que pode ter escapado deste grande retrato alguma da heterogeneidade étnica e da diversidade cultural que compõem a experiência de infância e adolescência no Portugal contemporâneo.

Regressando aos nossos 1000 respondentes utilizadores da internet: a traduzir a infância vivida no singular, 41% são filhos únicos, 43% têm um irmão e apenas 15% têm dois ou mais irmãos. Cerca de dois terços (68%) são os únicos que, entre os nove e os 16 anos, usam a internet em casa. Quatro em cada cinco vivem com pai e mãe e um em cada cinco vive só com um dos pais. Também cerca de 20% vivem com mais de dois adultos no lar.

A larga maioria dos progenitores (3/4 dos quais são mães, numa tendência europeia que confirma que são elas quem mais responde sobre matérias que dizem respeito aos filhos) correspondeu à solicitação de se manterem afastados enquanto decorriam as entrevistas aos filhos. Houve, contudo, “bastante” ou “algum” envolvimento em famílias de ESE médio ou elevado (cerca de 21-23%), mais do dobro do que nas de ESE baixo, onde cerca de 11% dos pais tiveram esse envolvimento.

### Locais de acesso à internet

Cada local de acesso à internet implica convenções de liberdade, privacidade, sociabilidade e vigilância. Até recentemente, na Europa, o acesso

<sup>6</sup> A distinção foi feita em três grupos por estatuto socioeconómico (ESE). ESE elevado corresponde às categorias A+B+C1; ESE médio: categoria C2; ESE baixo: categorias D+E, usadas em sondagens de mercado. Essa distinção, combinando o nível de instrução e a ocupação de um dos membros do agregado familiar, pode comportar erros na “estratificação” que produz, devendo ser lida numa perspectiva comparada.

das crianças à internet em casa era feito sobretudo através do computador de secretária, e os pais eram aconselhados a colocá-lo numa zona comum da casa ou a instalar filtros e *software* de monitorização. Com a expansão dos dispositivos móveis e personalizados, as crianças podem aceder à rede longe da vigilância e acompanhamento parental, quando o fazem no quarto ou em movimento. Vejamos o que caracteriza estes locais, em termos europeus e nacionais.

#### A casa: a sala e o quarto

As respostas a nível europeu confirmam a mudança: a casa, onde acedem 87% das crianças e jovens, continua à frente da escola (63%), que foi durante anos o principal local de acesso para muitas crianças de famílias com menos recursos. A maioria (60%) das crianças e jovens europeus declara aceder na sala-de-estar (ou noutro espaço comum da casa), cerca de metade responde que pode aceder à internet também no seu próprio quarto e 38% declara que não o pode fazer no quarto, apenas nas áreas comuns. A interdição do quarto como local de acesso à internet é superior a metade dos agregados na Bélgica (65%), Irlanda (56%) e França (54%), enquanto divide a meio a Áustria (50%), numa tendência diferenciadora de culturas na educação dos filhos já sublinhada noutros estudos comparados<sup>7</sup>.

Portugal é um dos países onde mais crianças e jovens declararam aceder à internet nos quartos (67%), muito acima da média europeia (49%). Valores desta ordem ocorrem apenas em mais dois países, ambos do norte europeu (Dinamarca, 74%; Suécia, 68%), com consolidação das tecnologias digitais nos lares e onde os pais acedem diariamente mais do que os filhos (ver adiante Gráfico 1.4). O acesso elevado no quarto está também acima da média europeia noutros países do sul, como a Itália e Chipre (ambos com 62%) e a Grécia (52%), onde as crianças usam mais a internet do que os pais, num contraste com o que se passa no país vizinho, já que em Espanha os valores coincidem: 42% podem aceder no quarto e outros 42% não podem.

Em Portugal, a profusão de portáteis e de redes domésticas favoreceu a mobilidade e a privacidade do acesso à internet. A possibilidade de os filhos acederem à internet nos quartos pode estar também relacionada com a forte associação do computador e da internet a meios auxiliares de estudos, para os trabalhos escolares, bem como a uma menor interferência dos pais num domínio onde não se sentem confortáveis nem seguros. Para muitos, este fosso geracional no uso da internet como meio educativo terá raízes nos baixos níveis de escolaridade e numa relação difícil com os estudos, na sua própria infância e adolescência, que gostariam que os filhos ultrapassassem.

#### Advertir ou não aos incógnitos a comprar portáteis

No início de 2009, no auge da atenção pública aos programas para aquisição de portáteis por estudantes, os pais revelavam sinais contraditórios das decisões de adesão, como erras duas mães que ilustram uma contensão e vontade de controlo do acesso em casa, por um lado, e um entusiasmo impaciente e transbordante, por outro:

- *O meu filho queria o e-Escolas mas não acho que se justifique. A verdade é que temos internet em casa, não há necessidade de ele ter net pessoal. Claro que ele queria para poder estar no quarto sozinho, para falar no Messenger... mas agora é assim, quem quer ir à internet vai à sala comum... Aláís é uma forma de controlo.* (Mãe de um rapaz de 12 anos, 41 anos, com ensino secundário, usa a internet diariamente)

- *Já pedi, não faço ideia, mas sei que é para os meninos das escolas do 1º ciclo. Esta minha filha não vai ter o Magalhães, ele está pedido e para a mais nova que tem seis anos. Também está pedido para esta mais velha um computador do e-Escola, mas também ainda não veio.* (Mãe de duas raparigas, de 13 e seis anos; 43 anos, com ensino básico, usa a internet ocasionalmente)

Como se pode ver pelo Gráfico 1.1, a presença da internet nos espaços comuns e nos quartos está desigualmente distribuída: crianças e jovens de agregados de ESE elevado usufruem de uma maior facilidade de acesso à internet, tanto nos espaços comuns (86%) como no quarto (75%), enquanto agregados com menos meios têm um acesso menor à internet nos espaços comuns da casa (73%).

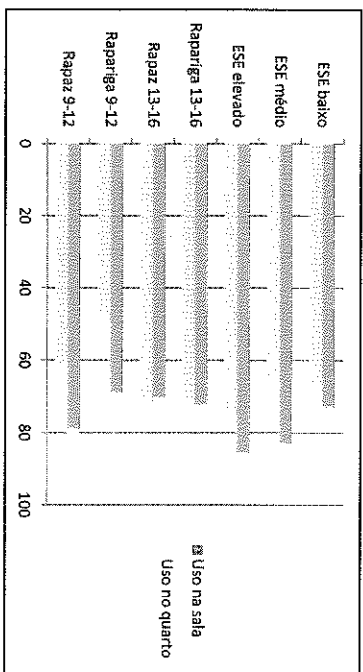


Gráfico 1.1 – Acesso à internet na sala e no quarto, por estatuto socioeconómico (ESE), idade e género (%)

Pergunta: Neste cartão, diz-me por favor em quais destes locais costumás utilizar a internet?

Base: Todas as crianças portuguesas que usam a internet

<sup>7</sup> Por exemplo Livingstone, Sonia e Moira Bovill, Eds. (2001). *Children and Their Changing Media Environment: A European Comparative Study*. Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates.

Se as idades marcam, sem surpresa, uma diferença no uso no quarto, a diferença de género é transversal: apenas metade das raparigas entre os nove e os 12 anos acede à internet no quarto, para 62% de rapazes dessa idade, sendo a diferença mais reduzida nos mais velhos (72% para 76%). Será por uma maior reserva por parte dos pais a permitir o acesso à internet no quarto de filhas do que de filhos ou por um menor interesse por parte daquelas?

#### *Em casa de amigos e de familiares*

As casas de amigos são um lugar frequente de acesso à internet para mais de metade dos respondentes europeus (53%), bastante acima das casas de familiares (42%). Em Portugal, a diferença é menos acentuada: metade dos respondentes acede em casas de amigos e 48% em casas de familiares.

As distribuições parecem traduzir também as diferenças de contactos sociais. Menos de metade das crianças e jovens de agregados com baixos recursos socioeconómicos (43%) refere aceder à internet em casas de familiares, enquanto em agregados com recursos mais elevados se referem menos as casas de amigos (também 43%), numa sugestão de que se "sentem" auto-suficientes, na sua casa e no seu quarto, ou de que experimentam uma menor socialização fora dos círculos familiares. As crianças e jovens de agregados de ESE médio circulam de modo mais equitativo por casas de familiares e de amigos.

Pesam de novo as diferenças de género no acesso em casa de amigos. Nos mais velhos (13-16 anos), enquanto dois terços dos rapazes referem esses espaços, apenas metade das raparigas o faz; nos mais novos (9-12 anos), as diferenças mantêm-se: 45% dos rapazes para 27% das raparigas. Nas de familiares, as diferenças são menores, respectivamente 41% e 30% nos mais novos, e 48% e 42% entre os mais velhos. Também estas variações por género podem sugerir um maior proteccionismo para com as filhas ou um menor interesse por parte destas.

#### *Fora de casa: a escola, a biblioteca, o cybercafé*

Em Portugal, a escola, referida por 72% de crianças e jovens, e as bibliotecas públicas e espaços afins de acesso gratuito, referidos por 25%, são importantes locais de democratização do acesso à internet, ambas acima da média europeia (respectivamente, 63% e 12%). Por sua vez, os *cybercafés* têm pouca expressão (5%), menos de metade da média europeia (12%).

A referência ao uso da internet na escola e nas bibliotecas é menor entre crianças e jovens de agregados com ESE elevado: apenas 15% declara frequentar bibliotecas e 60% indica a escola. São as crianças de agregados com menos recursos socioeconómicos as que mais referem a escola como lugar de acesso (75%).

Na escola, os grupos etários apresentam valores próximos no acesso e uso da internet: 65% dos rapazes e 67% das raparigas de 9-12 anos, 80% entre os mais velhos. Nas bibliotecas, os valores são também próximos: 19% dos rapazes

e 16% das raparigas; nos mais novos, 30% dos rapazes e 34% das raparigas, nos mais velhos.

#### *Crianças e jovens nos Espaços Internet*

De observações em Espaços Internet de bibliotecas públicas, ressaltou essa afluência notória dos mais novos:

*Pude observar a utilização maioritária por crianças e adolescentes. Nas utilizações, os jovens pesquisar essencialmente no YouTube, frequentam redes sociais com larga predominância para o Facebook e jogam jogos online. Os phones são um acessório muito utilizado neste local para ouvir música e ver filmes. O ambiente é informal e descontraído. A monitoria nunca pergunta o nome aos utilizadores e muitas vezes só posteriormente aponta os seus nomes na folha de presença. (notas de campo)*

*A preferência pelo Espaço Internet em detrimento da escola, onde também dispõem de computadores com ligação à internet, decorre da restrição de ali apenas poderem usar a internet para realização de trabalhos escolares. Uma das raparigas afirma: "na escola só deixam pesquisar". No 1.º ciclo, o uso de computadores está limitado ao horário lectivo. Na biblioteca é permitido jogar online mas não utilizar o serviço de mensagens instantâneas. (notas de campo)*

*Para estes jovens, o Espaço Internet não é apenas um local onde podem fazer os trabalhos escolares ou usar a internet para fins de entretenimento. É recorrente afirmarem que vão com amigos, e uma das raparigas diz preferir ir à biblioteca em vez de usar a internet em casa porque "às vezes não me apetece estar sozinha em casa". Para dois dos rapazes, o Espaço Internet funciona como uma segunda casa " (notas de campo)*

O arco da procura liga assim a privacidade do quarto ao espaço público de acesso livre, com *wireless*, de convívio e de socialização, onde crianças e jovens se sentem confortáveis e "em casa", e que é alternativa quando os recursos do acesso à internet escasseiam:

*Venho para aqui quando a net em casa acaba. É uma pen e tem limite de tempo. Aqui também posso ver o que gosto, é como em casa. (Raparaz, 15 anos)*  
*Venho aqui mais para conviver. Conectei a gostar das pessoas que vinham cá e conectei a vir mais. (Rapariga, 13 anos)*

#### *Em andamento*

Os resultados europeus apontam para uma média de 9% de crianças e jovens com acesso à internet por meios móveis, como os telemóveis. Em Portugal, são rapazes adolescentes quem lidera no acesso móvel (7% para 2% de raparigas), sendo ainda mais residual entre os mais novos. Agregados de ESE médio, com 10% de acesso, mais do que duplicam os valores dos restantes.

### Por que meios se acede à internet

São hoje muitos os meios de acesso à internet, permitindo mais mobilidade, flexibilidade e combinação, com a sua distribuição a marcar a maior diferença entre o país e a média europeia. Portugal lidera na posse de portáteis pessoais, tanto de acesso pessoal (55%) como partilhado (35%), enquanto na média europeia predominam os computadores de secretária partilhados (58%), não existindo diferenças tão grandes nos restantes meios de acesso (Gráfico 1.2).

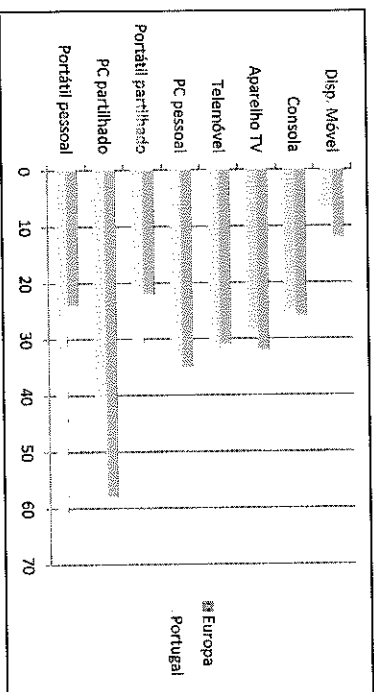


Gráfico 1.2 - Meios usados para aceder à internet em Portugal e na Europa (%)

Pergunta: *Que equipamentos usas para aceder à internet normalmente?*

Base: Todas as crianças portuguesas que usam a internet

A distribuição por agregados ilustra o impacto das medidas de promoção da aquisição de computadores portáteis, que democratizaram a sua posse, ainda que, no caso dos portáteis *Magalhães*, se trate de equipamentos de gama baixa. De facto, são as crianças e jovens de famílias com menos recursos quem lidera nos portáteis, o único meio em que lideram (68%). Parecendo ter vindo 'do zero' para o portátil individual, são também as que menos declararam partilhar computadores, portáteis ou de secretária, e ter menos acesso por PC (28%), consola (22%) e dispositivos móveis (5%). Por seu lado, crianças e jovens de agregados de ESE elevado partilham mais os computadores e recorrem mais a consolas para ir à rede, enquanto as de agregados de ESE médio lideram no acesso pelo PC, aparelhos de televisão e telemóvel.

Destaca-se nos mais velhos a liderança masculina na partilha de computadores de secretária e de portáteis, a confirmar a tendência para uma experiência *online* vivida mais em grupo. São quem mais dispõe de telemóvel com acesso à internet e a consola de jogos é também marcada pelo masculino: 30% dos rapazes (9-16 anos) usam-na para aceder à internet, o que decresce com a idade nas raparigas (de 11% para 8%). Os rapazes mais velhos lideram ainda no acesso por dispositivos móveis. Entre os mais novos, o acesso à internet pelo portátil pessoal coincide nos 60-61%, e entre os adolescentes varia entre 70-72%,

com ligeiríssima vantagem para os rapazes. Parece assim reforçar-se a associação entre o masculino e a tecnologia, já notada no local de acesso.

### Frequência do acesso

Um maior uso da internet favorece uma maior incorporação das actividades *online* na vida quotidiana das crianças e jovens, em casa, na escola, com os amigos. Por outro lado, se um menor uso da internet pode reflectir uma escolha deliberada, na maior parte das vezes indica exclusão – digital e também social.

O cálculo do tempo passado na internet (como a ver televisão) é das questões mais difíceis de responder por parte de crianças, a que se junta o facto de ser muito desse tempo acumulado com outras ocupações. Por isso, o inquérito procurou medir a experiência e a quantidade de uso de vários modos: a *idade* em que se começou a usar a internet; a *frequência* do acesso; e o *tempo* em que estão *online*, nos dias de aulas e ao fim-de-semana.

A média europeia aponta para um início na internet por volta dos nove anos, com os respondentes mais novos a terem começado a usar por volta dos sete anos, e os mais velhos pelos 11 anos, mostrando assim que se começa a aceder cada vez mais cedo. O género e a posição social não apresentam diferenças significativas mas a idade do primeiro acesso varia com os países e o seu histórico de penetração da internet. No norte europeu começam mais cedo: Suécia (sete anos), Estónia, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Reino Unido (oito anos); no extremo oposto, temos a Grécia (11 anos), e a Itália, Turquia, Roménia, Áustria e Portugal (10 anos).

A frequência do acesso permite averiguar até que ponto a internet se insere no quotidiano das crianças e jovens. Neste sentido foram distinguidos vários níveis de frequência (uso diário ou quase todos os dias; uma ou duas vezes por semana; uma ou duas vezes por mês; mais raramente). Enquanto a média europeia da frequência diária (ou quase) revela diferenças pelo ESE do agregado (baixo: 49%; elevado: 64%), essas diferenças estão atenuadas em Portugal, respectivamente entre 52 e 57%. Por outro lado, a idade e o género diferenciam o acesso, mais frequente entre os mais velhos e entre rapazes.

Apesar da subida, recente e acelerada, do acesso à internet entre os mais novos, o acesso diário à internet por crianças e pais portugueses está entre os mais baixos da Europa (ver Gráfico 1.3). No nosso país, não só as crianças acedem mais à internet do que os seus pais (78% e 66%, respectivamente segundo estimativas do Eurostat, de 2010), como a usam com maior frequência diária, o que também acontece noutros países do sul e centro leste europeu.

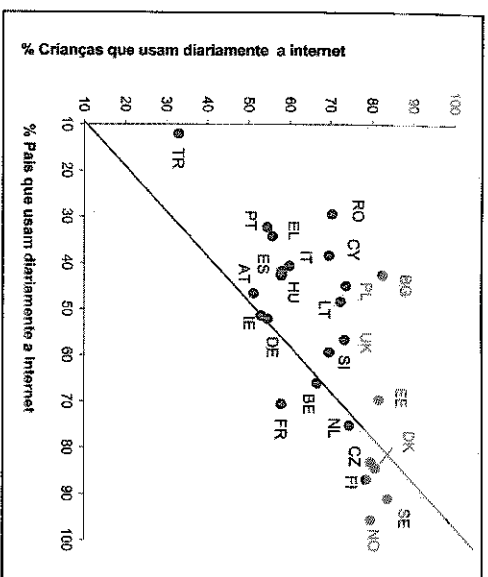


Gráfico 1.3 – Relação entre o uso diário da internet por crianças e pais, em 25 países

*Legenda:* AT: Áustria; BE: Bélgica; BG: Bulgária; CY: Chipre; DE: Alemanha; DK: Dinamarca; EE: Estónia; EL: Grécia; ES: Espanha; FI: Finlândia; FR: França; HU: Hungria; IE: Irlanda; IT: Itália; LT: Lituânia; NL: Holanda; NO: Noruega; PL: Polónia; PT: Portugal; RO: Roménia; SE: Suécia; SI: Eslovénia; TR: Turquia; UK: Reino Unido

Em Portugal, não há grandes variações por origem social no uso da internet nos dias de escola. Cerca de metade apontou até meia hora e um pouco mais de um terço indicou entre uma a duas horas. Nos dias sem escola, o uso da internet diferencia-se, oscilando mais nos agregados de ESE baixo, entre quem usa menos tempo (até meia hora) e quem usa por mais tempo (mais de duas horas). O género continua a fazer diferença, com raparigas a passarem menos tempo na internet do que rapazes: a *frequência diária ou quase diária*, é referida por 39% dos rapazes e por 30% das raparigas, entre os mais novos, e por 74% dos rapazes e 55% das raparigas, entre os mais velhos.

### Actividades

Conhecer as actividades que as crianças e jovens fazem na internet permite identificar o leque de actividades realizadas, geralmente associadas a momentos de prazer. Não só favorece uma visão equilibrada do que a internet pode proporcionar como também mostra que não é fácil distinguir entre actividades que são oportunidades e actividades *arriscadas*, interligando oportunidades e riscos.

Na média europeia, usar a internet para os trabalhos de casa é a actividade mais comum (85%), a confirmar a importância de incorporar esta ferramenta nos contextos educacionais e de serem trabalhadas formas de pesquisar criticamente a informação, de comparar fontes e de identificar a informação recolhida. O grupo seguinte gira à volta de conteúdos disponíveis na rede: jogar (83%), ver *videoclips*

(76%), visitar perfis em redes sociais e comunicar por mensagens instantâneas (ambos com 64%).

A produção própria de conteúdos contrasta com estes valores sendo bastante mais baixa: colocar imagens (39%) ou mensagens (31%) *online*, para partilhar com outros, usar uma câmara (31%). Ainda menos referidas, estão a partilha de ficheiros (18%), estar num mundo virtual (16%) ou escrever um blogue (11%). A meio da escala fica a consulta de notícias na internet (48%).

Nestes resultados europeus não emergem diferenças de género, embora os rapazes realizem mais actividades e dediquem mais tempo aos jogos, sobretudo os adolescentes. Já as diferenças de idade são relevantes: as crianças de nove a 12 anos realizam menos actividades associadas ao entretenimento (ver vídeos, descarregar filmes e música), à informação (seguir notícias) e à comunicação.

No país, a distribuição do leque das actividades segue o padrão europeu, com os trabalhos de casa mesmo um pouco acima da média europeia. Seguem-se actividades relacionadas com conteúdos recepcionados e, por último, actividades ligadas a uma intervenção produtiva, com criação e disseminação de conteúdos.

### O que os pais sabem das actividades online dos filhos

Os pais mais familiarizados com a rede apercebem-se mais da diversidade de actividades dos filhos, enquanto os mais afastados ou que não usam a rede têm alguma dificuldade em as descrever e nomear:

- *Jogos, pesquisas para a escola... ah, e claro o Messenger para falar com os amigos, o que até é bom porque assim não gasta dinheiro do telefone nem do telemóvel* (Pai, 35 anos, ensino secundário, utilizador frequente; filha de 13 anos)
- *Essencialmente para jogos, para o Messenger, para falar e um pouco para pesquisar. Ele fala muito no Messenger mas a maior parte são amigos. Sei que rixos há sempre... mas também não o posso privar de tudo.* (Mãe, 47 anos, ensino superior, uso frequente, filho de 13 anos)
- *Sei que ele ouve música, faz algumas pesquisas para trabalhos! Também passa bastante tempo a falar com os amigos lá num... num coisa que tem o computador, um programa qualquer, não sei o nome.* (Pai, 55 anos, ensino básico, não utilizador; filho de 15 anos)

Ainda que com pequenas variações, os valores mais baixos de dois terços das actividades listadas, na maioria relacionadas com produção e iniciativa pessoal bem como com um universo mais estruturado de leitura e escrita (ver *videoclips*, mandar e receber e-mails, seguir notícias, colocar fotos e músicas *online*, usar uma *webcam*, colocar mensagens em blogues e sites, visitar mundos virtuais e escrever um blogue) pertencem a crianças e jovens de agregados com menos recursos. Estas lideram apenas no *download* de músicas e de filmes e visitas a salas de *chat* (Quadro 1.1).

Quadro 1.1 – Actividades na Internet, por estrato socioeconómico (90)

Actividades na internet	ESE elevado	ESE médio	ESE baixo
Trabalhos de casa	93	90	89
Ver <i>videoclips</i>	81	74	71
Enviar e receber e-mails	80	68	66
Usar <i>Messenger</i>	73	69	69
Visitar perfil em rede social	56	50	53
Jogar online	50	64	52
Usar uma <i>webcam</i>	43	39	32
Descarregar música, filmes	42	43	44
Ler as notícias	41	38	32
Por fotos ou vídeos	33	35	32
Visitar uma <i>chatroom</i>	17	16	21
Citar um avatar	16	25	18
Por mensagens em sites e blogs	15	18	11
Partilhar ficheiros	12	15	8
Visitar mundos virtuais	11	14	10
Escrever um blogue	10	10	7

Pergunta: *Para cada uma das actividades que te vou ler, diz-me por favor se a fazeste no último mês, na internet. Se não conheces alguma destas actividades, não te preocupes - diz-me apenas que não sabes ou que não te lembras.*

Base: Todas as crianças portuguesas que usam a Internet (resposta múltipla)

Os trabalhos escolares lideram isolados, na ordem dos 90%, ilustrando as conexões entre oportunidades e riscos da Internet. De facto, se a Internet facilita a procura de informação constituindo um inesgotável banco de dados, “pesquisas” escolares que se limitam a copiar, colar e imprimir a primeira informação disponível facilitam uma aceitação acrítica de conteúdos, uma rapidez impulsiva na realização da actividade escolar que não transforma informação em conhecimento, a ignorância das questões da autoria e da necessidade de atribuição da origem da informação.

#### *A internet no apoio ao trabalho escolar e à pesquisa de informação de interesse pessoal*

Em entrevistas de grupo, jovens de 13-15 anos<sup>8</sup> que já ultrapassaram a escolaridade alcançada pelos seus pais, dialogam sobre como “pesquisam para os trabalhos de casa”:

Dinis: *Pego num texto, mudo e depois imprimo.*

Filipe: *Eu copio sempre. Uma vez num trabalho sobre os miribóis eu fui a um*

*site que tinha bnd trabalhos sobre isso e depois saquei e entreguei assim.*

Entrevistadora: *E então, tiveste boa nota?*

Filipe: *Não, a professora descobriu que aquilo era da net e depois deu-me zero.*

Andreia: *Eu imprimo, faço numa folha à parte um resumo por palavras minhas e depois passo a computador.*

Joana: *Isso dá muito trabalho.*

Andreia: *Va mas... tem de ser, né?*

A internet oferece também vias para que, em famílias com menos recursos escolares ou onde o diálogo sobre certos assuntos seja difícil, os mais novos possam aceder a informação em condições de privacidade. Para Ana, a internet é ainda um meio de tradução de um léxico que desconhece:

Ana: *As vezes também uso para pesquisar sobre vários temas que me interessam, ou sobre coisas de que tenho dúvidas e não quero estar a perguntar a ninguém... então vou ao Google e procuro lá...*

Entrevistadora: *E procuras sobre o quê?*

Ana: *As vezes procuro sobre doenças ou sobre sexualidade.*

Entrevistadora: *E encontras as respostas que procuras?*

Ana: *Sim, quase sempre. E também faço isso quando, por exemplo, numa aula a professora fala de alguma coisa que eu não sei o que é... aponto no caderno e depois procuro a palavra e fico a saber!*

De novo as diferenças de género estão menos apagadas no nosso país do que na média europeia. Entre as crianças de nove a 12 anos, mais de metade dos rapazes realiza cinco das 16 actividades – usar *Messenger* (53%); enviar e receber e-mails (56%); ver *videoclips* (61%); jogar online (70%) e fazer trabalhos de casa (87%) –, enquanto as raparigas apenas destacam os trabalhos de casa (90%), com as restantes actividades abaixo da metade, embora duas se aproximem: ver *videoclips* (49%) e usar *Messenger* (47%).

Entre os 13 e os 16 anos, as actividades listadas por rapazes e raparigas são mais comuns. A seguir aos trabalhos de casa, aparecem actividades de entretenimento e de comunicação: ver *videoclips*, usar *Messenger*, enviar e receber e-mails e visitar perfis em redes sociais. No grupo seguinte, os rapazes diferenciam-se nos jogos, em descarregar conteúdos de lazer, na leitura de notícias e em actividades de partilha, participação e exploração do universo tecnológico da rede: carregar conteúdos pessoais, escrever mensagens em sites e blogs, visitar mundos virtuais, partilhar ficheiros. As raparigas lideram apenas – ainda que bastante abaixo da metade – no uso da *webcam*, na criação de personagens virtuais e nas visitas a chats.

<sup>8</sup> Ver Gandeias, C. (2008). *Crianças e Internet: na balança dos riscos e das oportunidades*.

### *A internet, o MSN e o imperativo do contacto*

As razões das necessidades de contacto e de comunicação com os amigos transbordam das palavras de Isabel e de Andreia (15 anos, famílias com pouco recursos):

Entrevistadora: *Porque é que vocês gostam tanto do MSN?*

Isabel: *Para pôr a conversa em dia... há sempre coisas para dizer.*

Andreia: *Se a gente não consegue falar na escola, dizemos assim: "Olha, vai à net e depois a gente fala".*

Isabel: *Vá... os intervalos são muito curtos e depois é por isso que a gente fala nas aulas e na net.*

Entrevistadora: *E o que é que vocês falam com os amigos?*

Andreia: *Perguntamos se tá tudo bem, combinamos coisas.*

Isabel: *Tipo... falamos com eles de manhã, né? Mas à tarde as coisas podem mudar...*

### **Competências digitais**

Para a apreciação da literacia digital foram consideradas três medidas: a variedade e a intensidade da frequência das actividades na internet, na base de que quanto menos se usar a internet menos se desenvolverão as competências digitais; a auto-avaliação da eficiência pessoal (em perguntas de escala como: *eu sei muitas coisas sobre a internet ou eu sei mais sobre a internet do que os meus pais*); e competências específicas concretas em matéria de segurança, estas interrogadas apenas a crianças e jovens com mais de 11 anos, que iremos começar por comparar.

No inquérito europeu, a média de auto-reconhecimento das oito competências inquiridas situou-se em 4,2, ou seja, foram identificadas pouco mais de metade. As competências mais respondidas foram: *saber bloquear uma mensagem de alguém com quem não se deseja o contacto e saber marcar um site nos Favoritos* (ambas com 64,9%), e *encontrar informação sobre segurança* (62%). Cerca de metade dos respondentes com mais de 11 anos declarou *saber mudar definições de privacidade e saber comparar sites para avaliar a qualidade da informação* (ambas com 56,9%), *apagar o histórico pessoal* (52%) e *impedir correio e lixo electrónico* (51%).

A Finlândia foi o país onde os inquiridos declararam mais competências (média: 5,8), seguindo-se a Holanda, a Eslovénia, a Estónia, República Checa, a Suécia e a Noruega, todos com elevado uso da internet por parte de crianças e seus pais. Portugal aparece de seguida, em oitavo lugar, uma posição de destaque entre 25 países, com uma média de 4,9.

As competências mais referidas em Portugal estão quase todas acima da média europeia, com as maiores diferenças em *marcar um site nos Favoritos* (7,6% para 64%) e *mudar definições de privacidade* (62% para 56%) e variam muito entre os 11 e os 16 anos, num processo de acumulação de saberes que se consolida pela adolescência (14-16 anos). Entre os mais novos, metade ou

um pouco mais declara saber registar um site nos Favoritos, bloquear mensagens indesejadas, apagar registos e mudar definições de privacidade. Entre os mais velhos, quase todas as competências foram assinaladas por cerca de três quartos dos respondentes. A competência mais ligada à literacia informacional (comparar websites) regista, contudo, um dos menores valores, entre mais velhos e mais novos, e mais de metade destes últimos declara não saber encontrar informação sobre segurança.

Observa-se liderança de jovens de agregados com mais recursos em quatro competências, relacionadas com potenciar oportunidades e minimizar aspectos negativos de conteúdos recebidos: *Marcar sites nos favoritos; bloquear mensagens indesejadas; bloquear spam; encontrar informação sobre segurança*. Por seu lado, jovens de agregados com menos recursos lideram em competências relacionadas com a defesa da exposição pessoal: *Apagar registos; mudar definições de privacidade; e mudar preferências* (Quadro 1.2).

Quadro 1.2 – Competências na internet por estatuto socioeconómico (%)

Competências na Internet	ESE elevado	ESE médio	ESE baixo
Marcar nos Favoritos	80	75	76
Bloquear mensagens indesejadas	73	66	60
Encontrar informação sobre segurança	66	63	60
Apagar registos	61	63	65
Mudar definições de privacidade	60	56	64
Bloquear spam	65	56	56
Comparar websites	58	60	53
Mudar preferências	38	42	50

Pergunta: *Que coisas destes sabes fazer na internet? Responde por favor sim ou não para cada uma das coisas seguintes... Se não sabes o que é ou o que significa alguma destas coisas, não faz mal.*

Base: Crianças e jovens com mais de 11 anos (resposta múltipla)

### **Competências nas redes sociais: decidir sobre riscos**

Se os valores declarados nas competências parecem traduzir uma percepção de segurança que cresce com a idade, o seu maneio nas redes sociais, nas relações com conhecidos e desconhecidos na vida real, pode revelar diferenças entre o *dizer* e o *fazer*. Na maioria das vezes, histórias sobre situações de risco são contadas em terceira pessoa, casos que aconteceram a outros, não aos próprios. Debater este tema permite também conhecer processos de decisão pessoal expressos pelo nós, como parte de uma comunidade.

*Uma amiga minha teve um problema. Aconteceu com um coito argentino, que tinha uma fotografia de um miúdo de 16 anos. Ela conheceu-o primeiro e depois começou a reclar com ele no MSN e descobriu que ele era muito mais velho. Ela ficou com medo e depois bloqueou-o. Ela não queria correr riscos.* (Rapariga, 15 anos)



*Eu posso aceitar pessoas sem as conhecer porque gosto do perfil, mas não aceito algumas que conheço porque não gosto delas.* (Rapariga, 16 anos)

*Quando falamos com quem não conhecemos não podemos dar os nomes verdadeiros.* (Rapariga, 14 anos)

*Não sabemos se usamos de forma correta ou segura. Podemos pensar que é e não ser.* Quando usamos pensamos que é a forma correta. (Rapaz, 16 anos)

As respostas sobre competências pessoais valem também pelo contraste entre essa avaliação e a dos saberes dos seus pais, que variam segundo o ESE do agregado (Gráfico 1.4).

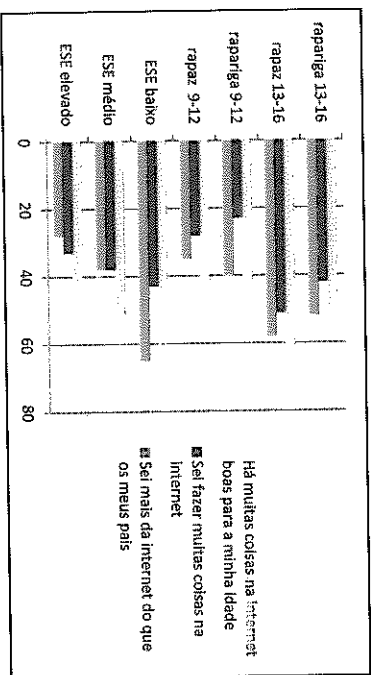


Gráfico 1.4 – Auto-reconhecimento de competências, por género, idade e estatuto socioeconómico (%)

Pergunta: *Ate que ponto as seguintes frases sobre ti são verdadeiras?*

Base: Todas as crianças portuguesas que usam a internet

Por idades e entre rapazes e raparigas predomina a concordância com a afirmação das oportunidades da internet, numa consideração partilhada por mais de metade. Nas competências pessoais, os rapazes são mais afirmativos, o que estará em sintonia com as suas actividades, mais variadas. Já na comparação de saberes com os pais, apesar de mais de metade não concordar totalmente com a afirmação (à excepção dos mais velhos), predomina a resposta de que sabem mais sobre a internet do que os seus pais, mesmo entre as crianças mais novas: 54% dos rapazes e 48% das raparigas concordam sem reservas. Para este valor, contribui o peso elevado de crianças e jovens pertencentes a agregados de ESE baixo: 65% de respostas de crianças desses agregados, para 28% de respostas provenientes de agregados com mais recursos.

#### *Quando em casa a internet está interdita*

A batalha pelo acesso à internet enfrentando a resistência familiar continua a ser travada por crianças e jovens que enfrentam resistências parentais. Disso dá conta uma rapariga de 11 anos, utilizadora precoce e competente de redes sociais (formalmente interditas a menores de 13 anos) para quem os espaços não domésticos são a sua possibilidade de inclusão digital:

*Em minha casa ninguém usa a internet, nem mesmo eu, porque os meus pais não querem, dizem que é perigosa mas eu acho que não. Tem que se ter cuidado mas eu sei usar. Não se fala com ninguém a não ser com os amigos da escola e só se adicionam pessoas que se conhecem. Não tenho morada nem escola no meu Facebook, mas os meus pais não gostam da internet na mesma. Só uso na escola e nas bibliotecas.*

#### *A fechar, abrindo...*

Os ambientes de acesso e uso da internet em Portugal são marcados por diferenciação social e desigualdade geracional. Sem deixarem de existir bolsas de resistência a esse acesso e uso por parte de crianças e jovens, verificou-se nos últimos anos a sua facilitação e privatização, com a adesão massiva de famílias com menos recursos às políticas de aquisição de computadores e serviços da internet. Como consequência, o país destaca-se na paisagem europeia pelo elevado acesso à internet no quarto, a posse de portáteis pessoais e a maior procura de bibliotecas e de outros espaços públicos de acesso gratuito à internet.

Se a posse de computadores portáteis não é marcada pela diferenciação social, o acesso real à internet continua desigual, porque dependente das modalidades de aquisição e de recursos materiais, sociais e culturais, como as redes de apoio na família e entre conhecidos, os interesses cultivados, os hábitos de leitura.

Neste contexto, bibliotecas e outros espaços de acesso livre são espaços de socialização e de convívio, e certamente também de aprendizagem por pares. Têm potencial para uma intervenção mais pró-activa por parte de animadores/monitores capazes de empatia com os mais novos e de estimulação de outras práticas de uso do meio: procurar criticamente informação, comparar, comunicar ideias, produzir conteúdos para uma audiência alargada, ter consciência de deveres éticos, por exemplo. Contudo o que se observa é que crianças e jovens, os frequentadores mais assíduos desses espaços, em regra não são estimulados para actividades para além das que já conhecem e apreciam (jogos, redes sociais, *Messenger*). Uma outra dinâmica desses espaços, que incluisse actividades para tirar partido do potencial da rede para a expressão da criatividade e para a literacia digital — incluindo direitos, deveres e responsabilidades —, poderia contribuir para uma maior participação e inclusão — digital e social.

Se as actividades das crianças e jovens portugueses não variam muito relativamente à média europeia, as diferenças em relação à declaração de

competências sugerem a necessidade de conhecer o que os leva a responder desse modo sabendo que a maioria dos ambientes familiares não acompanha o desempenho na internet: têm *mesma* essas competências? Como as adquiriram? Pela formação na escola? Pela partilha de informações com pares? Por outras formas? Isto implica outro tipo de questões e de métodos de inquirição.

No país, destacam-se diferenças não só por origem social e por idades mas também entre rapazes e raparigas que estão atenuadas no contexto europeu. Em casa as raparigas mais novas dispõem de menos acessos, tempo e recurso do que os rapazes da mesma idade e realizam bastante menos actividades *online*. Nas mais velhas, a liderança ocorre em actividades de comunicação, com o maior fosso relativamente aos rapazes nos jogos *online*, cujo interesse baixa com a idade.

Crianças e jovens de agregados com mais recursos (um pouco menos de um quinto), com um acesso à internet marcado pelos espaços domésticos (quarto, casa, casa de familiares) valorizam menos a escola, as casas de amigos e espaços públicos, partilham mais computadores, portáteis e de secretária, dispõem mais de consolas com acesso à rede, vêem mais *videoclips*, usam mais o *e-mail*, procuram mais as notícias, usam *weberam* e visitam perfis em redes sociais, sendo ainda os que mais destacam os conhecimentos da internet por parte dos pais. Parecem ser os que têm um acesso menos socializado fora da esfera familiar.

Nas crianças e jovens de agregados com menos recursos (mais de metade), destaca-se o menor acesso à internet em casa (fora do quarto) e nas casas de familiares e uma maior referência à escola como local de acesso; lideram na posse de portáteis individuais, partilham menos computadores e referem menos meios de acesso à internet para além do portátil. As suas actividades têm um leque mais reduzido, declarando mais competências técnicas ligadas à defesa da privacidade. Com perto de dois terços a concordar totalmente com a afirmação de que sabem mais do que os seus pais, serão os que vivem mais as desigualdades da inclusão, digital e social.

Por fim, as crianças e jovens de agregados de ESE médio (cerca de um terço) estão entre estes grupos: com as de ESE elevado partilham lares com mais equipamentos de acesso à internet e mais de metade sublinha as competências dos pais na rede; com as de ESE baixo, sublinham a escola, as bibliotecas e as casas de amigos como locais de acesso. É o grupo que lidera no acesso à internet por meios *móveis*, nos jogos *online* e em actividades relacionadas com a exploração das potencialidades comunicativas e de partilha da *Web 2.0*. Serão os utilizadores que mais vivem a experiência da internet em conjunto e mediada por um maior leque de dispositivos.

Por fim, regressemos ao contexto social e cultural do país. Como mostra a investigação sobre famílias, hoje valorizam-se mais as funções dos filhos que remetem para dimensões afectivas e expressivas (“os filhos como fonte de alegria”; “bons companheiros para divertimento”) e valorizam-se menos as funções instrumentais, ligadas ao seu contributo para a economia do lar. Os afectos, a sociabilidade e a socialização “às avessas” são funções simbólicas generalizadas

sobre o lugar dos filhos que não deixam à margem nenhuma franja da sociedade portuguesa<sup>9</sup>. Até que ponto as oportunidades trazidas pela democratização do acesso nos mais novos podem favorecer essas relações nas famílias marcadas por diferenças geracionais, entre filhos, pais e avós, em matéria de capital escolar e de inclusão digital? De que formas os processos de socialização em que os mais novos ensinam os mais velhos podem trazer para esta esfera as mulheres, mães e avós, mais arredadas da tecnologia mas também as obreiras dos laços de comunicação familiar?

As respostas exigem mais atenção às mediações familiares por género, aos processos de aquisição de competências técnicas e às condições facilitadoras para o incremento do leque de actividades — e das suas oportunidades. A agenda de pesquisa nesta área, sobre famílias e meios digitais, está apenas a começar.

<sup>9</sup> Ver estudos sobre as famílias em Portugal, entre outros: Cunha, Vanessa (2007). *O lugar*

*dos filhos. Ideais, práticas e significados*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais; Wall, Karin (2005).

*Famílias em Portugal*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais; Almeida, Ana Nunes de e Isabel

Margarida Andúé (2004). “O país e a família através das crianças. Ensaio exploratório.” *Revista de*

*Estudos Demográficos* 34: 5-35.